



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA**

RENATA PATRÍCIA SILVA MORAES

**HUMILHAÇÃO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA NAS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

RECIFE

2022

RENATA PATRÍCIA SILVA MORAES



**HUMILHAÇÃO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA NAS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à coordenação do curso de bacharelado em
Ciência Política com ênfase em Relações
Internacionais da Universidade Federal de
Pernambuco para a obtenção de grau.

Orientador: Rafael Mesquita de Souza Lima

RECIFE

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Moraes, Renata Patrícia Silva.

Humilhação: uma revisão sistemática da literatura nas Relações Internacionais
/ Renata Patrícia Silva Moraes - Recife, 2022.
49, tab.

Orientador(a): Rafael Mesquita de Souza Lima
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2022.
Inclui referências, apêndices.

1. Relações Internacionais. 2. Revisão sistemática. 3. Humilhação. 4.
Segurança. I. Lima, Rafael Mesquita de Souza. (Orientação). II. Título.

320 CDD (22 ed.)

RENATA PATRÍCIA SILVA MORAES

**HUMILHAÇÃO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA NAS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à coordenação do curso de bacharelado em
Ciência Política com ênfase em Relações
Internacionais da Universidade Federal de
Pernambuco para a obtenção de grau.

Orientador: Rafael Mesquita de Souza Lima

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Mesquita de Souza Lima

Prof. Dr. Marcos Aurelio Guedes de Oliveira

Doutoranda Nathalia Bittencourt

AGRADECIMENTOS

Marias, Lina e Haroldo, Thomas, Iana, BL e P, Rafael: muito obrigada por tanto.



“Era uma vez uma civilização intergaláctica avançada que construiu um supercomputador chamado Pensador Profundo e lhe fez a pergunta que julgaram ser a mais importante e vital de todas, ‘qual o sentido da vida, do universo e tudo o mais?’. Assim, após milênios de cálculos avançados, o Pensador Profundo finalmente chegou a uma resposta - e ela era ‘42’”.

Guia do Mochileiro das Galáxias, Douglas Adams.

RESUMO

Através de uma análise sistemática de literatura, este Trabalho de Conclusão de Curso dedicou-se a observar como se desenvolve o conceito de humilhação nas RIs. Definido na Psicologia como uma emoção negativa onde o sujeito percebe seu valor existencial rebaixado pelo outro e cuja prática pode se perdurar nas relações interpessoais, ele é aplicado na literatura analisada tanto para se referir ao Estado ou grupo que se autodenomina humilhado por outro agente nas relações globais, quanto ao observar um caso e perceber-se que uma das partes praticou ações humilhantes ao outro. Percebendo-se na área o crescente uso desse conceito em obras que buscam compreender rivalidades, ameaças e inimizades nas relações entre Estados, esta pesquisa exploratória teve como objetivo contribuir com a comunidade acadêmica ao detectar como tal conceito tem-se desenvolvido mediante amostra produzida pelos 50 artigos melhor colocados sobre o tema no software Publish or Perish e banco de dados do Google Scholar; destes, 42 artigos foram analisados. Como resultado, percebe-se que as produções se localizam sobretudo em dois nichos: em um lado, a segurança internacional, grupos terroristas e Oriente Médio e, em outro, política externa da China através de sua narrativa sobre o Século da Humilhação. Em ambos, as rivalidades Ocidente x Oriente, a preocupação com as reações do Estado ou grupo humilhado e a necessidade de maior compreensão sobre os aspectos sociais, emocionais e culturais dos atores são parte da agenda de pesquisa relacionada a estudos que envolvem status e psicologia nas Relações Internacionais e que se desdobram em temáticas como diplomacia, segurança e política externa.

Palavras-chave: revisão sistemática; humilhação; segurança; status; emoções.

ABSTRACT

Through a systematic review of the literature, this study aims to observe how the concept of humiliation develops in International Relations. Defined in Psychology as a negative emotion where the subject perceives his/her existential value lowered by others and whose practice can persist in interpersonal relationships, this concept is applied in the literature analyzed both to refer to the State or to groups claiming to be humiliated by another agent in global relations, and also to observe a case and realize that one of the parties performed humiliating actions towards the other. Perceiving in the field the growing use of this concept in articles that seek to understand rivalries, threats, and hostilities in relations between States, this exploratory research aims to contribute to the academic community by detecting how this concept has been developed through a sample produced by the 50 best-ranked papers on the subject via the software Publish or Perish and Google Scholar database; of these, 42 articles were analyzed. As a result, it is noticed that the productions are mainly located in two niches: on one side, international security, terrorist groups, and the Middle East; on the other, China's foreign policy through its narrative about the Century of Humiliation. In both, the rivalries of West v. East, the concerns with reactions of the humiliated State or group and the need for a greater understanding of the actor's social, emotional, and cultural aspects are part of the research agenda related to studies that involve status and psychology in International Relations and that unfold in themes such as diplomacy, security, and foreign policy.

Keywords: systematic review; humiliation; security; status; emotions.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A HUMILHAÇÃO ENQUANTO CONCEITO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	12
2.1	HUMILHAÇÃO COMO ARMA - EVELIN LINDNER	12
2.2	HUMILHAÇÃO ENQUANTO PATOLOGIA SOCIAL INTERNACIONAL - BERTRAND BADIE	13
2.3	HUMILHAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA SOCIAL - JOSLYN BARNHART	14
2.4	CONCLUSÕES	16
3	METODOLOGIA E RESULTADOS GERAIS	17
4	ORIENTE MÉDIO	21
5	CHINA	28
6	CONCLUSÕES	38
	REFERÊNCIAS	43
	APÊNDICES	44
	APÊNDICE A - LISTA COM OS ARTIGOS ANALISADOS	44
	APÊNDICE B - OUTROS PAÍSES ENCONTRADOS NA AMOSTRA	47

1 INTRODUÇÃO

Buscando contribuir com o meio acadêmico e com pesquisas futuras, este Trabalho de Conclusão de Curso dedicou-se a desenvolver uma análise sistemática da literatura sobre o conceito de humilhação nas Relações Internacionais, caracterizando-se como uma pesquisa exploratória que teve como objetivo principal observar como, a partir de uma amostra, os autores das Relações Internacionais estão desenvolvendo e aplicando tal conceito em suas análises. Para tanto, foram selecionados os 50 artigos melhor colocados sobre o tema no software Publish or Perish e banco de dados do Google Scholar; sendo destes, 42 analisados.

A Psicologia compreende a humilhação como uma das emoções mais potentes da condição humana, ocorrendo quando uma pessoa ou um grupo tem seu valor existencial diminuído pelo outro de tal modo que, quando ocorre, pode gerar no sujeito grande sofrimento e mudanças psicológicas profundas que se manifestam através principalmente de seu comportamento na sociedade. Dinâmicas de humilhação estão presentes em diversas atividades sociais e afetam principalmente grupos com pouca ou nenhuma capacidade de reação.

Práticas de humilhação tornam-se com frequência problemas sociais por, ao afetar o senso de dignidade e direito de existir do outro, torna seus afetados vítimas de um tipo de violência cujas consequências se agravam de forma dificilmente previsível, mas constantemente danosa não só às vítimas, mas também ao bem-estar coletivo (KLEIN, 1991). Os pesquisadores de áreas como a Psicologia Social alertam para as consequências que tal violência produz e que seus processos podem ser observados em consonância às agendas de pesquisa relacionadas tanto aos Direitos Humanos quanto à Segurança Internacional (HARTLING et al, 1999).

Tanto na Psicologia quanto em outras áreas, os estudos sobre humilhação parecem ter se expandido diante da dificuldade ocidental de se compreender o que houve nos ataques produzidos pelo grupo terrorista Al Qaeda aos Estados Unidos em 2001. Psicólogos buscaram investigar de forma mais extensiva de que forma grupos não alinhadas ao que se chama por cultura ocidental percebem de si mesmos e desse “outro” - o Ocidente - e como ocorre o envolvimento daqueles que se percebem humilhados em sua etnia e religiosidade a grupos terroristas e outras organizações que se declaram motivadas pela necessidade de resistência aos inimigos estrangeiros (Estados Unidos e OTAN principalmente), mesmo que

tenham pouco conhecimento concreto do que tais inimigos possuem de responsabilidade sobre a situação negativa negativa na qual se inserem.

A urgência por melhor compreensão dos comportamentos violentos justificados pela humilhação motivou, portanto, uma guinada epistêmica no estudo dessa emoção e dos seus riscos ao mundo (MCCAULEY, 2017; HARTLING et al. 2013). Tal guinada também é percebida nas Relações Internacionais: abordando desde mal entendidos diplomáticos e incompreensão sobre estratégias políticas a ações drásticas como genocídios e atentados, há na área um crescimento de produções que buscam analisar de que forma os processos de humilhação estão presentes e são praticados pelos atores internacionais: as motivações e consequências de seus atos estão entrelaçados em uma teia de dinâmicas que demandam dos pesquisadores dessa área que se desenvolvam observações relacionadas a status, emoções, política e defesa.

Podemos dizer, desse modo, que as preocupações que atingiram a Psicologia também estão presentes na área à qual esse trabalho se insere, mas com alguns diferenciais: nas RIs, o que é humilhação e como ela está presente em diversos acontecimentos pertinentes às dinâmicas globais não é algo tão consolidado, assim como a preocupação sobre o que decorre dos processos de humilhação é algo amplamente estudado. É possível perceber tais características ao se pesquisar por livros e artigos dedicados à humilhação nas RIs através do Google Scholar: as produções são, em sua maioria, artigos; tanto eles quanto os livros, teses e outras produções acadêmicas surgem com expressividade no início dos anos 2000 e concentram-se basicamente em análise de narrativas e de conflitos militares, sem um maior desenvolvimento sobre o que a humilhação, enquanto conceito e enquanto prática, significa para a área.

Nas buscas iniciais por obras produzidas nas Relações Internacionais que abordassem tal conceito, encontrei alguns livros que se destacaram como referência base dessa pesquisa: *Making enemies: Humiliation and international conflict* de Evelin Lindner (2006), *Humiliation in international relations: a pathology of contemporary international systems*, de Bertrand Badie (2017) e *The consequences of humiliation: anger and status in world politics*, de Joslyn Barnhart (2020). No capítulo 2 - A humilhação como conceito nas Relações Internacionais - debato sobre os três livros focando em como os autores elaboraram suas interpretações sobre o conceito buscando, com isso, trazer ao texto exemplos das perspectivas encontradas.

No capítulo 3 - Metodologia e resultados gerais - são apresentadas informações sobre o desenvolvimento do banco de dados, a seleção dos artigos analisados e como os resultados

foram organizados. Em seguida, nos capítulos 4 e 5, o trabalho enfoca nos casos principais apresentados pela amostra: Oriente Médio e China. Enquanto ao tratarem sobre a região os autores citados no capítulo 4 buscam compreender o terrorismo praticado por grupos dali originários principalmente contra o Ocidente - suas motivações, comportamento dos atores, riscos - e vemos uma forte demanda por considerar-se nas RIs os aspectos culturais e sociais associados aos de segurança e defesa, o capítulo 5 nos traz autores que observam os comportamentos diplomáticos e de política externa da China e como eles se relacionam ao que é chamado pelo próprio Estado como Século da Humilhação.

No capítulo 6, dedicado à conclusão, são apresentadas algumas comparações entre como os artigos da amostra observam o Oriente Médio e a China, trazendo semelhanças e diferenças; tal capítulo também aponta em quais aspectos os resultados da amostra corresponderam a uma expectativa prévia desenvolvida pelo estudo da literatura sobre o conceito e em quais eles se distanciaram e apontaram um caminho distinto.

2 A HUMILHAÇÃO COMO CONCEITO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Há entre as obras relacionadas à humilhação nas Relações Internacionais abordagens que apesar de se comunicarem, são distintas: alguns trabalhos voltam-se para os elementos psicológicos e comportamentais sobre a humilhação, enquanto outros focam-se nesse conceito como elemento de manifestações que os atores terão em busca de melhora dos seus status no sistema internacional. A diferença entre a perspectiva presente nas RIs e a na Psicologia se dá principalmente pelos estudos internacionalistas não focarem nos elementos subjetivos e individuais que tal emoção promove no indivíduo e em seu meio, mas nas suas manifestações no cenário internacional, através de dinâmicas em grupos, organizações ou nas manifestações que lideranças de Estado realizam aos demais. Abaixo, há três exemplos de como esse conceito foi percebido em obras sobre a temática.

2.1 HUMILHAÇÃO COMO ARMA - EVELIN LINDNER

A médica e psicóloga Evelin Lindner em *Making enemies: Humiliation and international conflict* (2006) afirma que seu livro foi desenvolvido a partir de seus mais de trinta anos de trabalho e pesquisa acerca de questões globais principalmente em áreas onde ocorreram genocídios e onde ela percebeu diversas práticas cotidianas de humilhação. Seu primeiro trabalho acadêmico, *The Feeling of Being Humiliated: A Central Theme in Armed Conflicts* (1996) é um exemplo citado pela mesma sobre como o estudo sobre tal temática foi se desenvolvendo conceitualmente em sua carreira e como a mesma percebeu a necessidade de relacionar sua pesquisa às Relações Internacionais.

A autora aponta que práticas de humilhação em contextos críticos têm um impacto tão forte no grupo subjugado que elas se assemelham a armas de guerra. Há na sua perspectiva uma forte valorização dos movimentos de direitos humanos e isso se reflete em como conceitua humilhação: decorrente de fortes privações, rebaixamentos ou degradações, o ato humilhante seria o rebaixamento forçado de uma pessoa ou grupo onde orgulho, honra e dignidade são atingidos e onde o humilhado se vê em uma situação inferior à qual considera justa (LINDNER, 2006, p. 171 - 172).

O combate às práticas de humilhação em conflitos é grande parte da preocupação de Lindner nesse livro, apontando em vários momentos os impactos negativos que os atos de inferiorizar o outro geraram, instigando mais conflitos e inflamando diferenças étnicas e religiosas. As diferenças culturais, para a autora, não são as grandes motivadoras das

violências citadas, mas sim a reprodução de práticas humilhantes ao longo dos séculos motivados sobretudo pela demanda por vingança ou justiça. Sendo a violência ou não algo inerente à condição humana, a humilhação de forma sistemática, tal como se vê em genocídios, é fruto sobretudo de uma alta intolerância e desejo por diminuição do outro para que, tendo ele seu valor reduzido, o agressor se perceba em vantagem ou mesmo até limpo de humilhações sofridas por ele anteriormente (LINDNER, 2006, p. 134 - 136).

Conciliando temáticas da Psicologia e dos Direitos Humanos, Lindner contribui para as Relações Internacionais ao perceber nas práticas de humilhação um grande perigo para a estabilidade de ações diversas, sendo o conceito de segurança e defesa trazido pela mesma relacionados à missão que o sistema global possui hoje e que, caso deseje alcançar uma nova ordem mundial, precisa superar. Ao perceber a relação entre o comportamento individual humano, suas dinâmicas sociais dentro e entre grupos e como isso é expressado em relações para além das fronteiras onde o indivíduo se encontra, a autora não se detém a falar sobre status entre Estados, mas sim entre sujeitos que se encontram dentro ou entre Estados e que praticam dinâmicas de humilhação supostamente causadas por conflitos culturais, mas cujas justificativas são mais profundas.

2.2 HUMILHAÇÃO ENQUANTO PATOLOGIA SOCIAL INTERNACIONAL - BERTRAND BADIE

Bertrand Badie em *Humiliation in international relations: a pathology of contemporary international systems* (2017) percebe que a humilhação no sistema internacional precisa ser considerada a partir de duas perspectivas: como conceito e como prática; ambas nos levam a perceber que esse ato é praticado de forma ampla e costuma buscar a dominação, a hegemonia e a negação do outro como digno de qualquer respeito. Percebendo a violência de tal comportamento, o cientista político produz em sua obra uma análise sobre os perigos que esse ato produz quando em contexto intergrupar ou interestatal. Os valores humanos e democráticos do século XXI são postos em xeque à medida em que o sistema internacional não consegue reduzir eficazmente as práticas de humilhação - ou ainda pior, as reproduz propositalmente e de forma mais ampla que em períodos anteriores.

Badie percebe como causas desse aumento fatores como a globalização como relacionados a esse aumento das práticas, mas coloca como principal a ideia de que o “*one world system*” em vigor desde o final da Guerra Fria é profundamente desigual: a “união” que o sistema internacional pregada de forma otimista na virada do século não se concretiza e tal frustração acaba por alimentar uma falsa justificativa para que dinâmicas opressivas de poder

não sejam combatidas - já que acabar com as desigualdades depende fortemente do combate às práticas de humilhação: se essas são vistas como mero reflexo natural das condições sociais e não têm seus inúmeros malefícios trazidos à tona e devidamente tratados, não é possível que nas relações internacionais tenhamos enfim paz e justiça. O autor conceitua humilhação nas relações internacionais como “qualquer atribuição autoritária de um status inferior ao desejado, de forma que não esteja de acordo com as normas definidas” e os relaciona a elementos presentes na sociologia internacional, onde competir pela manutenção ou alteração do status de si e dos outros é algo que ocorre de forma subjetiva e objetiva. É, desse modo, considerada por ele nessas dinâmicas não como uma característica psicológica, mas como efeito do sistema internacional sobre alguns dos seus membros (BADIE, 2017, p. 5-6)

Considerando a humilhação uma patologia social internacional, o autor elabora uma tipologia onde considera a humilhação como possível de ser classificada em quatro tipos: a ocasionada por um rebaixamento do status do Estado no sistema internacional, a através de uma negação de igualdade, a por rejeição e a por estigmatização; cada tipo de humilhação gera modelos distintos de diplomacia - revanchista, soberanista, contestacional e divergente, respectivamente. Badie, classificando e exemplificando acontecimentos históricos onde tais tipos de humilhações ocorreram, percebe que o sistema internacional contemporâneo padece por possuir em suas dinâmicas a retroalimentação dessas práticas sobretudo na continuidade de dinâmicas que remontam, por exemplo, o colonialismo.

2.3 HUMILHAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA ESTATAL - JOSLYN BARNHART

Voltando-se aos elementos históricos e bélicos relacionados à humilhação, a cientista política Joslyn Barnhart em *The consequences of humiliation: Anger and status in world politics* (2020) aponta que práticas humilhantes ocorridas no passado podem ecoar de forma duradoura nas relações globais. Citando a ação alemã na Segunda Guerra Mundial e vários outros conflitos militares, Barnhart desenvolve seu conceito de humilhação enquanto fenômeno produzido por humanos, mas cujo cenário é interestatal: a humilhação é definida aqui como uma resposta emocional que atinge o status que o humilhado julga ter em relação aos demais, sendo a humilhação nacional a expressão máxima produzida por indivíduos que se identificam como membros de um Estado ao serem atingidos de forma injusta por um evento internacional a tal ponto que esse ataque os fere emocionalmente (BARNHART, 2020, p. 3).

Podemos dizer que na obra de Barhart ocorre um desenvolvimento conceitual e analítico que se distingue das obras antes citadas ao localizar a experiência de humilhação como algo fortemente relacionado à identidade nacional e suas expressões, sobretudo o nacionalismo, e a dinâmicas políticas mais extremistas como o populismo. As consequências das práticas de humilhação são apontadas pela autora como sendo de dois tipos amplos: o fracasso de um Estado diante das expectativas internacionais sobre ele - onde o próprio Estado falha em sua iniciativa - e o tratamento que o Estado recebe pelos demais no cenário internacional e que o mesmo julga inferior ao merecido - onde o Estado sente-se humilhado pelo outro. Eventos como perdas de territórios, de autonomia, sanções diplomáticas e intervenções militares em seu território são exemplos de manifestações interestatais que podem tanto gerar como ser consequência das práticas humilhantes.

Os perigos que decorrem das práticas de humilhação, portanto, residem na considerável possibilidade de reações violentas por parte do Estado humilhado não apenas contra seus agressores, mas contra outros Estados que pouco ou em nada participaram daquilo que gerou tal emoção negativa. Rivalidades e amizades acabam decorrendo dos processos e práticas humilhantes, onde Estados e grupos que se vêem vítimas de um mesmo algoz percebem-se próximos e buscam se defender e responder pelas vias possíveis contra as ações que os inferiorizam: um exemplo dessa fraternidade é, tal como é citado pela autora, o discurso do então Primeiro-Ministro da Malásia, em 2003, sobre o que estava acontecendo com a comunidade islâmica: buscando responder aos ataques de 2001, a Guerra ao Terror liderada pelos Estados Unidos atingia a diversos grupos muçulmanos principalmente do Oriente Médio e, segundo o líder, tamanha agressividade gerava o desejo no povo muçulmano por uma resposta que combatesse tal humilhação (BARNHART, 2020, p. 165).

A dinâmica da humilhação no sistema internacional, portanto, ao atingir Estados que possuem uma forte identidade nacional ou cultural pode gerar como grave consequência a elaboração de estratégias diversas que têm entre suas características uma elevada agressividade e possibilidade de resposta através de ataques terroristas, por exemplo. A questão árabe-muçulmana do Oriente Médio e a reação estatal da China e da Rússia no século XXI são trazidos como referência daquilo que processos de melhora de status realizados pelo Ocidente principalmente protagonizados pelos Estados Unidos e a OTAN acabaram por contribuir para que ocorressem. Para se evitar tais consequências, é preciso a melhoria das relações diplomáticas, a confiança nas organizações internacionais e nos chefes de Estado e um processo interno que dilua os impulsos reativos diante das memórias dos eventos humilhantes.

2.4 CONCLUSÕES

Partindo de preocupações distintas, os autores desenvolveram em suas obras conceitos semelhantes sobre o que é humilhação e seus impactos nas relações sociais, mas caminharam em direções distintas nas suas análises sobre os impactos das práticas humilhantes. Enquanto Lindner aponta que tal prática atinge diretamente questões relativas aos Direitos Humanos, Badie - ainda que parta também de considerações da Psicologia - demonstra que a disputa por melhora ou manutenção do status se opera usando da humilhação. Em outras palavras, enquanto Lindner preocupa-se em como a humilhação entre indivíduos e grupos gera consequências perceptíveis nos cenários regionais e globais, Badie traz a humilhação como resultado da competição por status nas disputas entre os atores internacionais, sobretudo os Estados.

Vendo por uma perspectiva global, Barnhart se aproxima da análise de Badie ao perceber que as disputas relacionadas ao status no sistema internacional e as práticas de humilhação são relacionadas, porém a preocupação da autora não se dá com foco em elementos relacionados àquilo já abordado pela Psicologia, mas sim os impactos negativos que essas disputas e ações realizam à Segurança Internacional e no desenvolvimento de uma perspectiva de humilhação que atinge ao Estado e aos indivíduos que se identificam com ele.

Seu foco nos conflitos bélicos proporcionou uma análise do comportamento de Estados diversos tanto em suas narrativas sobre as humilhações nacionais ocorridas quanto de seus membros (sobretudo os com fortes demandas por ações que lhes vinguem a injustiça ocorrida). Os três autores concordam que a reação contra a humilhação tende a ser mais humilhação e, por terem como base preocupações distintas, nos oferecem mais um ponto de referência nesse trajeto exploratório.

3 METODOLOGIA E RESULTADOS GERAIS

A revisão sistemática de literatura, método utilizado para análise dos artigos selecionados, caracteriza-se pela agregação de informações acerca de uma temática de forma criteriosa e mediante uma intenção clara, uma definição estratégica do que e como se busca e o estabelecimento de critérios de inclusão e de exclusão dos artigos (SAMPAIO; MANCINI, 2007). A partir dessas orientações, desenvolveu-se a pesquisa e a análise de artigos relacionados aos usos do conceito de humilhação nas Relações Internacionais mediante os critérios abaixo.

Quadro 1 - Critérios iniciais da busca

Software	Publish or Perish
Fonte	Google Scholar
Data de busca	19/09/2022
Palavras-chave	humiliation, anger, shame, emotions, international relations, diplomacy
Métricas	<ul style="list-style-type: none"> ● 800 artigos ● 1918 - 2022 ● 128 autores

Fonte: banco de dados produzido pela autora.

A partir desses resultados, realizou-se a seleção das amostras: buscou-se pelos cinquenta artigos melhor colocados no sistema. O critério de melhor colocação foi considerado o mais adequado para o interesse da pesquisa, já que ele diz respeito a critérios como visibilidade, consultas e citações ao texto. Após o tratamento, restaram quarenta e dois artigos a serem trabalhados.

Quadro 2 - Critério de seleção e total de artigos analisados

Critério de seleção	50 artigos melhor colocados no ranking apresentado pelo Publish or Perish
---------------------	---

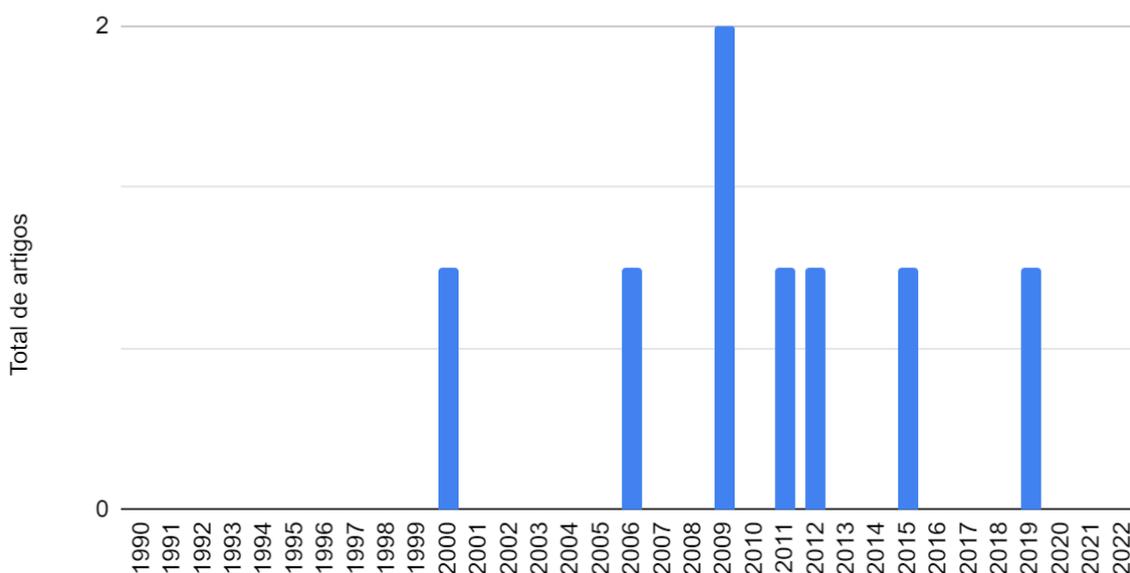
Total de artigos	50
Descartados	8 (não disponíveis para acesso ou fuga da pergunta de pesquisa)
Analizados	42

Fonte: banco de dados produzido pela autora.

Diante desse resultado, algumas características foram notadas. Primeiramente, apenas um dos textos da amostra era dos anos 1990. Os demais foram produzidos a partir dos anos 2000: tal fato se mostrou relacionado ao contexto epistemológico discutido na introdução - demanda por trabalhos que lidem com aspectos da psicologia humana nas RIs -, mas principalmente a um acontecimento que marcou a história global: os ataques produzidos pelo grupo terrorista Al Qaeda aos Estados Unidos em setembro de 2001. As produções relacionadas ao terrorismo e a forma como o conceito de humilhação é tratado lá serão abordadas no capítulo 4.

Gráfico 1: Oriente Médio

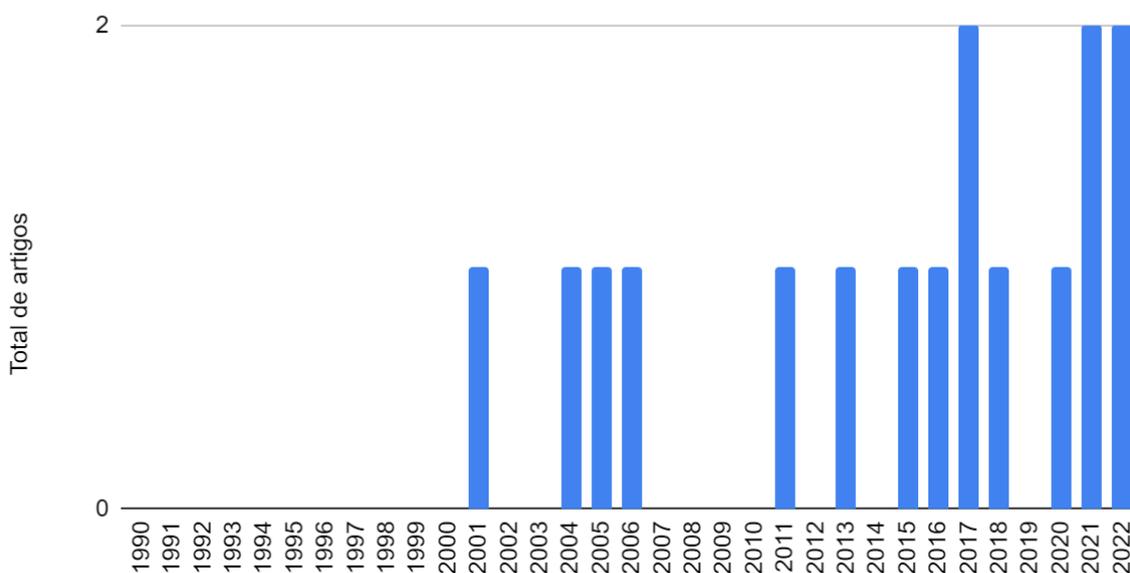
Ano dos artigos publicados e quantidade de publicações



Fonte: banco de dados produzido pela autora.

Gráfico 2: China

Ano dos artigos publicados e quantidade de publicações



Fonte: banco de dados produzido pela autora.

Realizou-se, então a análise dos 42 artigos e agrupando-os primeiramente por foco geográfico destacam-se as seguintes características como resultado preliminar¹:

Quadro 3 - País ou região como tema principal e suas publicações

País/região tema principal	Total	Período das publicações	Observações
China	16	2001 - 2022	A China auto intitula humilhação ocorrida como "Século da Humilhação", o que interferiu em parte nos resultados da busca no sistema. Todavia, como o conjunto de palavras-chave abrangia outros termos, pode-se supor que a produção acerca do conceito em relação ao país seja de fato um grande foco de observação na

¹ No anexo 8.2 está disponível o Quadro 8, onde constam os resultados encontrados sobre os demais países e casos. Para não prejudicar a compreensão do texto, o mesmo não foi exposto neste capítulo.

			atual agenda de pesquisa.
Oriente Médio	13	2000 - 2019	A região é abordada 5 vezes de forma ampla e 8 vezes de forma específica, tendo um país como foco.
EUA	5	1991 - 2018	Discutem sobre as derrotas norte-americanas e questões populistas na sua política externa
Europa	4	2014 - 2022	Abordam sobre Rússia e Grécia
Ásia (exceto China)	1	2010	Fala sobre conflitos no Sri Lanka onde práticas e narrativas de humilhação foram presentes
África	3	2014 - 2022	Abordam sobre Líbia e África do Sul
Outros	6	1990 - 2021	Focaram em algum aspecto da agenda de pesquisa sem analisar território específico ou abordavam vários Estados e regiões.

Observação: alguns artigos abordavam dinâmicas bilaterais. Logo, o resultado da contagem de casos é maior do que a de analisados.

Fonte: banco de dados produzido pela autora.

Uma grande resposta obtida a partir desses dados é a considerável produção de artigos relacionados à humilhação relacionados ao Oriente Médio e a China, o que nos lembra a argumentação de Barnhart (2020) ao apontar como o estranhamento quanto a como o outro Estado se comporta no cenário global e a percepção de perigo quanto às suas narrativas sobre humilhação, que acabam por comunicar aos outros Estado um alerta de que talvez o outro não seja confiável e que provavelmente poderá lançar mão de investidas agressivas contra seus rivais. As respostas dadas pelos artigos a esse Estado e região serão trabalhados em capítulos a seguir.

4 ORIENTE MÉDIO

Os três primeiros artigos presentes na pesquisa trazem como preocupação as narrativas produzidas pelos grupos terroristas do Oriente Médio e quais as consequências de seus atos para o Ocidente. Ações terroristas nessa região já ocorriam, assim como narrativas destes e de outros grupos contra a superpotência que, segundo eles, dominava o mundo e humilhava os povos com suas ações diretas através da OTAN: os Estados Unidos.

Antes dos ataques ao país em 2001, o debate nas Relações Internacionais centrava-se nos impactos que os conflitos armados “OTAN x Oriente Médio” poderiam causar em níveis estruturais; posteriormente aos atentados, a própria narrativa dos grupos terroristas. Havia, portanto, a presença de trabalhos alertando sobre a relevância de se estudar o fenômeno da humilhação para a área de segurança: o único encontrado antes dos atentados de 2001 na amostra foi Harkavy (2000) percebe em diversos momentos da história ocidental a presença de atos políticos e bélicos onde a humilhação é percebida pelos derrotados como algo ultrajante e que se torna motor de reações cujo grau mais elevado se deu nessas.

A resposta de grupos não-estatais - como costuma ser o caso do terrorismo - era no início do século XXI um ponto de interrogação na agenda de pesquisa e de análise nas Relações Internacionais e cujos autores buscavam respostas nas teorias psicológicas e socioculturais para compreender essa e outras emoções. Harkavy, nesse contexto, percebia desde então a urgência de se observar as relações entre defesa nacional, humilhação e vingança apontando as dificuldades desse campo: os riscos de se produzir análises antropomórficas e generalizantes, a necessidade de se lidar com tabus e preconceitos diversos, a escassez de *surveys* e bancos de dados que amparem as análises são alguns exemplos.

Tendo o ano de 2001 como divisor de águas, os pesquisadores precisavam a partir de então pensar tanto nas questões relacionadas à segurança e à Guerra ao Terror que se iniciava em seus aspectos *hard power* quanto nos elementos diplomáticos, sociais e culturais. Parece ocorrer no meio acadêmico o reconhecimento de que pouco se sabia sobre o Oriente Médio como um todo e menos ainda se sabia sobre suas particularidades.

Acostumados a observar relações estatais e sem saber tanto sobre a religião islâmica e sua importância para além das práticas religiosas locais, governos e meio acadêmico tinham pela frente o desafio de pensar o poder, as ameaças e as disputas internacionais fora de uma dinâmica interestatal e dos modos de se fazer diplomacia considerando aspectos étnicos, religiosos e geográficos que mudaram bastante daquilo que se estava habituado. Havia, desse

modo, uma urgência de se pensar os aspectos socioculturais e psicológicos para além do que presumia o Ocidente sobre o resto do mundo.

Um artigo que é citado pelos autores que tratam tanto do Oriente Médio e temáticas de segurança como de outros contextos é Saurette (2006): seu texto analisa como dinâmicas de humilhação e contra-humilhação participam das relações globais contemporâneas, tendo como marco os ataques terroristas do grupo Al Qaeda nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001. O autor percebe que a partir daquele incidente, a política externa norte-americana de guerra ao terror impactaria em larga escala a forma como esse e demais Estados se posicionaram tanto em relação aos perigos do terrorismo quanto ao que ocorria no Oriente Médio.

Questões como xenofobia, intolerância religiosa e o imaginário que o Ocidente elabora sobre a região foram ingredientes, segundo suas observações, tanto para a tragédia ocorrida quanto para como seus desdobramentos. Desse modo, Saurette percebe que não é possível compreendermos as relações atuais com a região, tanto em questões de segurança internacional como diplomáticas, sem considerar como as dinâmicas de humilhação têm se processado.

Saurette e outros autores que se debruçam sobre a região percebem que é preciso em primeiro lugar considerar que aquele que se diz humilhado significa tal emoção a partir de um arcabouço cultural específico: nos discursos do então líder da Al Qaeda em 2001, Osama Bin Laden, via-se como justificativa para seus atos terroristas uma busca por reparação às humilhações sofridas pelo povo muçulmano nas mãos do Ocidente e principalmente dos Estados Unidos.

Para sanar esse mal, é preciso o sacrifício de si em busca de uma purificação que salve a todos dos males causados pela decadência vinda da posição de humilhado. Há nessa significação a presença de elementos religiosos do Islamismo interpretados por uma ótica específica e que não resume a totalidade de narrativas produzidas pela região sobre o que faz sua população se sentir humilhada e quais as consequências com as quais precisam lidar, mas para os estudos sobre terrorismo e questões relacionadas, tal atenção não deixa de ser importante.

Enquanto em Saurette (2006) vemos o conceito de humilhação sendo utilizado, outros trabalhos utilizam-se de termos relacionados às emoções negativas frutos de relações difíceis no meio internacional. Löwenheim e Heimann (2008) buscam conceituar a vingança como fenômeno na política internacional e especificam as condições nas quais há aumento ou diminuição da tendência de Estados buscarem vingança contra os inimigos. Observando as

relações entre Líbano e Israel (dois Estados com forças distintas e relações agressivas), os autores argumentam que o ato de se vingar ou não depende da combinação de três variáveis interrelacionadas: o grau de ultraje moral que o Estado experimenta emocionalmente vindo do ofensor; a extensão da humilhação que o Estado prejudicado sofre e o grau em que a retaliação internacional é institucionalizada através de regras e leis que regem o uso de força além das fronteiras.

A resposta dos autores é de que tanto pequenas quanto médias e grandes potências são capazes e expandiram a quantidade de atos de vingança no cenário global, assim como grandes potências também são passíveis de sofrer humilhação. Autores realistas afirmam que o poder hegemônico confere direitos aos Estados, mas também os torna alvo de contestações e rivalidades, sobretudo daqueles em ascensão.

Tal fato se torna uma questão de segurança e de status já que esses Estados ascendentes acabam por ameaçar diretamente as grandes potências - algo que também afeta sua segurança emocional. Há, desse modo, a chance de ocorrer uma intensificação das emoções nas grandes potências devido ao stress decorrente de tal posição, transformando uma indignação moral em vingança aplicada. Outros fatos como centralidade do militarismo e capacidades materiais relacionadas à identidade nacional em Estados hegemônicos podem também aumentar a propensão de que se sintam humilhados e reajam agressivamente contra seus ofensores.

Percebe-se nos artigos analisados o desenvolvimento de trabalhos relacionando segurança internacional com elementos psicológicos buscando compreender melhor as ações de grupos terroristas do Oriente Médio tal como apontam Wright-Neville e Smith (2009): em seu artigo, argumentam que a atenção dada aos aspectos comportamentais e emocionais que envolvem temáticas como segurança nas Relações Internacionais fez renovar a agenda de pesquisa relacionada aos aspectos psicológicos presentes na tomada de decisão de diversos atores e as relações que estabelecem entre si.

Focando na questão do terrorismo, os autores percebem certo avanço na compreensão da temática apontando o reconhecimento geral de que as emoções experimentadas pelos grupos estão diretamente relacionadas aos comportamentos terroristas, porém afirmam a necessidade de que se aumente o reconhecimento do terrorismo enquanto um ato político fundamentado em um conjunto particular de emoções humanas engatilhadas em contextos sociais específicos. A ação terrorista precisa ser compreendida como parte dos comportamentos políticos possíveis na sociedade global e a compreensão de processos de humilhação como algo a ser interpretado mediante as especificidades contextuais de seus

agentes. Para serem bem-sucedidas, estratégias contra-terroristas precisam focar nas dinâmicas dos grupos sociais onde um comportamento gravemente agressivo pode ocorrer e perceberem de que forma certas iniciativas podem alimentar o desejo desses grupos por punição, vingança e violência.

Apesar de seguir ao longo da década de 2000, trabalhos como os de Sasley (2011) apontam que a ideia de que emoções são parte inerente do sistema internacional avançou de no meio acadêmico em geral, mas que nem sempre tal compreensão se reflete na disciplina das Relações Internacionais em sentido mais estrito e relacionado à temática da segurança internacional.

O estudo das emoções pode ser incorporado de modo mais sistemático na área através do desenvolvimento de uma teoria mais rigorosa sobre como os Estados e demais atores do mundo político experimentam e agem a partir das emoções. Para tanto, o autor desenvolve uma teoria sobre as emoções intergrupos - algo emergente na pesquisa de psicologia social. A natureza social das emoções, portanto, precisa de maior atenção nos estudos sobre Estados, dialogando as pesquisas entre as Relações Internacionais e a Psicologia.

Mediante o artigo de Sasley (2011) podemos notar que havia então uma dificuldade em combinar (e mesmo até em reconhecer a relevância) os conhecimentos da Psicologia com os das Relações Internacionais especialmente na área de Segurança de forma geral. A amostra de artigos aponta que devido à forte demanda por compreensão do comportamento de grupos terroristas no Oriente Médio e suas possíveis ameaças, os pesquisadores de Segurança se viram na necessidade de observar a questão das emoções no meio internacional e suas expressões diversas, mas ainda não estariam convencidos das vantagens de um estudo que combinasse os meios tradicionais de estudo na área com outros relacionados ao comportamento humano como a *Intergroup Emotions Theory*.

Se nas temáticas gerais de Segurança o estudo das emoções parecia encontrar entraves desafiadores no próprio meio, artigos sobre estudos de caso parecem ter conseguido desenvolver um uso do conceito de humilhação e de outras emoções negativas de forma mais livre. Um exemplo encontrado é o do artigo de Doulai (2009), que nos traz em seu texto o papel das mídias nos conflitos internacionais e seu poder de alimentar processos de humilhação, constrangimento e vingança ao ter como estudo de caso a produção árabe sobre as ações dos Estados Unidos no Iraque durante o governo de George W. Bush.

A repercussão sobre a agressão feita por um jornalista iraquiano contra o presidente ao atirar-lhe um sapato durante uma coletiva de imprensa é observada pelo autor através da produção de quatro jornais da região árabe sobre o acontecimento. Percebe-se que - apesar de

suas divergências - essas produções concordam que tal ato foi humilhante ao presidente e que o mesmo é um ato de vingança contra as ações de humilhação produzidas pelos Estados Unidos às forças militares iraquianas na prisão de Abu Ghraib. O papel da imprensa na região, portanto, foi de apoio ao jornalista e sua ação enquanto uma vingança justa contra as ações estrangeiras. Doulai (2009), ao trazer sua interpretação sobre o caso, mostra um exemplo de campo de estudo sobre como a mídia é relevante na manifestação de emoções coletivas e como essas emoções podem ser canalizadas conforme interesses e narrativas imersos naquele contexto.

Outro estudo de caso é o de Çevik Ersaydı (2012), ao observar a Primavera Árabe ocorrida na Turquia, aponta que um termo também utilizado para as manifestações foi “honra árabe”: seus participantes declaravam sua revolta contra as humilhações sofridas tanto pelo Ocidente quanto pela administração autocrática estatal, movimento esse que fez parte da ascensão de Recep Tayyip Erdoğan à presidência turca.

O autor percebe entre os elementos do sentimento de humilhação declarada pelos manifestantes a reclamação sobre a falta de representação religiosa no governo e a ausência de uma liderança firme contra os países rivais - algo que pavimentou a campanha de Erdoğan em seu elemento populista. Desse modo, Ersaydı aponta como os principais pontos de humilhação trazidos durante a Primavera Árabe são presentes em outros casos no Oriente e de que forma o caso turco serve de modelo, salientando que a ausência de observação sobre o papel das emoções na construção da política externa é notória e deixa espaços vazios na formulação de um panorama próximo da realidade.

O forte sentimento de saudosismo e nostalgia mobilizados durante os protestos da Primavera Árabe são próximos dos sentidos em outras regiões do Oriente Médio, tanto quanto a humilhação e descaso do Ocidente para com a religião muçulmana, compartilhada por grande parte de sua população e fortemente relacionada à cultura e identidade regionais. Ersaydı aponta, portanto, que a Turquia foi uma inspiração a outros Estados de vingança contra a humilhação vivida pela região durante o século XX e, desde então, têm tal influência mobilizada por Erdoğan no desenvolvimento de uma imagem de liderança regional. A mobilização das emoções relacionadas ao saudosismo, à humilhação e à raiva são, como foi mostrado anteriormente, algo forte em narrativas populistas.

Gold (2015), por sua vez, concorda com a opinião de Sasley (2011) sobre as emoções como um tópico de estudo extremamente valioso, porém pouco desenvolvido, no campo das Relações Internacionais. Seu estudo de caso aborda o conflito entre Israel e Palestina e tem como interpretação que as diferenças religiosas e culturais fazem parte do contexto de

constantes conflitos entre os dois Estados de modo que as chances de reconciliação são bastante remotas; nesse contexto, o estudo de emoções como humilhação, raiva e medo são parte essencial na busca pela compreensão dos fenômenos relacionados a essas disputas sob a ótica das Relações Internacionais: os dois Estados trazem desde sua origem suas bagagens emocionais e traumas - algo que escalou em graus de alta violência nas fronteiras e se tornou uma questão de segurança para ambos.

Duncombe (2019) alega que autores das Relações Internacionais nas últimas duas décadas trouxeram a importância das representações produzidas pelas relações entre atores internacionais para a compreensão das dinâmicas políticas globais. Porém, há uma clara ausência na literatura sobre como as representações reproduzidas por um Estado sobre outro influenciam nessas relações. O autor buscou preencher essa lacuna ao analisar as relações Irã-Estados Unidos e percebeu que as relações eu-outro presentes em dinâmicas interpessoais também são presentes nas interestatais.

Em outras palavras, sentimentos humanos e suas nomenclaturas presentes na psicologia são visíveis nos diálogos entre os Estados, assim como as representações e seus entendimentos pelo outro formam narrativas identitárias que se desdobram em temáticas como a de segurança internacional e posse de armas nucleares. De forma empírica, Duncombe aponta como não só as representações que os Estados fazem entre si na dinâmica Irã-EUA influenciou não apenas como eles vêm uns aos outros mas também os desejos de cada um deles podem ser reconhecidos; dinâmicas intersubjetivas de representação e cognição são tratadas como elementos poderosos dessa relação bilateral.

Percebemos que nesses artigos ocorre uma abordagem ocidental sobre o Oriente Médio por vezes dicotômica e fortemente relacionada ao estudo sobre emoções negativas, sendo elas apontadas como algo perigoso à segurança, já que ocorre a justificativa do envolvimento e da participação em grupos terroristas e a compreensão de suas ações como legítimas devido a necessidade de se limpar a honra suja pela humilhação infligida. Para compreender o terrorismo é preciso, desse modo, compreender o que provoca tal emoção nesses grupos.

Quadro 4 - Autores e conceitos principais abordados sobre o Oriente Médio

Autor	Conceito principal abordado
Harkavy (2000)	Humilhação
Saurette (2006)	Humilhação
Löwenheim e Heimann (2008)	Vingança
Wright-Neville e Smith (2009)	Emoções
Doulai (2009)	Humilhação
Sasley (2011)	Emoções
Çevik Ersaydı (2012)	Honra árabe
Gold (2015)	Humilhação
Duncombe (2019)	Emoções

Nota: o uso de um conceito principal não exclui o de outros conceitos ao longo da argumentação.

Fonte: banco de dados produzido pela autora.

5 CHINA

Reconhecendo-se como nação há mais de quatro mil anos, o país possui sua história oficial contada através do governo atual - praticado pelo Partido Comunista Chinês (PCC) e o atual presidente Xi Jinping - tendo como grande divisor de águas o Século da Humilhação Nacional (1839 - 1939): visto como um trauma, esse período corresponde a quando o país teria sua honra usurpada pelos “imperialistas”, principalmente Japão e Reino Unido, e como consequência não apenas dos seus imperadores corruptos, mas também da exploração daqueles que - aproveitando-se de sua fraqueza - fragmentaram e dizimaram o povo com doenças e miséria.

O desenvolvimento do significado de humilhação para a China possui, desse modo, semelhanças e diferenças de outros casos: por se tratar de um sentimento que costuma se dar de forma autodeclarada (aquele que se sente sofrendo assim o expressa, sem necessariamente o outro reconhecer a autoria do que gerou tal condição) tendo sua expressão desenvolvida por forças nacionais e servindo também a ideias nacionalistas com forte apelo ao saudosismo e a união do povo através do compartilhamento das memórias do que gerou tal sofrimento, a narrativa de humilhação chinesa traz esses e outros elementos em comum com manifestações populistas conhecidas no Ocidente, mas distingue-se fundamentalmente por sua base cultural.

Há nas manifestações públicas nacionais um especial zelo ao que entendem como honra: a dignidade de não depender de outros Estados para se manter e de mostrar-se em suas relações internacionais com seus valores e projetos; a honra nas dinâmicas globais tem forte relação com o conceito de soberania e alimenta no país o orgulho nacional que tanto dá sentido aos esforços presentes quanto se torna parte da força motriz de seus projetos para o futuro. Ao celebrar o Dia da Humilhação Nacional, o governo chinês lembra constantemente ao seu povo os riscos de se submeter ao “outro” e o retorno à dignidade alcançada graças às ações do Partido Comunista Chinês (WANG, 2012).

Percebendo tais especificidades, Gries (2001) analisa os desdobramentos de um bombardeio realizado pelos Estados Unidos à embaixada da China em Belgrado em 1999, onde a justificativa do ocorrido pelo governo americano não agradou a vários chineses, que acusaram tal ato como um “fascismo da OTAN”. Para o autor, a crise diplomática foi fortemente ampliada pelas narrativas relacionadas ao “Século da Humilhação”: o bombardeio provocou protestos inflamados onde a raiva dos manifestantes contra os Estados Unidos era alimentada sobretudo pela identidade social ferida em um ponto particularmente traumático e rememorado constantemente pelo governo chinês, trazendo à tona o desejo por vingança e

justiça. Os Estados Unidos aqui e em outros casos presentes na história das relações sino-americanas foram o alvo das emoções chinesas, já que ocupa a posição de “outro” - do Ocidente explorador e tirano - que anteriormente agrediu à nação de forma tão grave. Longe de ser uma relação meramente maniqueísta, as relações sino-americanas se dão por contextos e interpretações imersos em interpretações que nem sempre são facilmente compreensíveis.

Posteriormente, Gries (2005) o autor analisou as relações bilaterais China-Estados Unidos e buscou compreender até que ponto de fato o país asiático mereceria ser visto como ameaça. Gries lembra que o aquilo que chamamos de ação estatal é, na verdade, indivíduos agindo conjuntamente - logo, compreender como os Estados agem é entender que emoções e interesses de grupos de indivíduos é que movem essas relações; desse modo, as relações entre China e Estados Unidos são permeadas de grandes diferenças culturais que teorias como a da Identidade Social (*Social Identity Theory* - SIT).

O artigo de Gries ainda questiona ainda se as relações entre os Estados são inevitavelmente conflituosas tal como o neorrealismo e o neoliberalismo supõem. Pensando o oposto, citando que os estudos focados nos aspectos de identidade a partir da psicologia social nas Relações Internacionais encontram evidências de o conflito não é algo inevitável devido o estado de anarquia, mas sim dos atritos decorrentes tanto de interesses quanto das identidades desenvolvidas por cada um dos Estados em suas dinâmicas com os demais; a partir delas podemos notar comportamentos e relações de proximidade ou rivalidade para além de interesses materiais.

O caso chinês é, de fato, um exemplo de como rivalidades estatais podem ser desenvolvidas não devido a motivos materiais, mas por elementos culturais endógenos (uma forte desconfiança dos demais países) e históricos (as consequências do Século da Humilhação e outros momentos entendidos como derrotas nacionais). Pensando na narrativa chinesa sobre o seu processo de humilhação, Callahan (2004) examina como ela se tornou parte da construção do nacionalismo do país.

O autor observa como essa emoção é mobilizada para se tornar elemento fundamental da identidade e das iniciativas de sua população através de uma série de estratégias coordenadas pelo Partido Comunista Chinês (PCC) através de elementos como o controle da propaganda pública, dos materiais didáticos e obras populares que se tornam capazes de mobilizar os sentimentos tanto da população em geral como de suas elites em uma narrativa direcionada à superação do processo infringido principalmente pelo Ocidente.

Callahan (2006) também argumenta que o nacionalismo chinês contemporâneo instiga debates sobretudo no Ocidente, onde o desafio reside em compreender as motivações e o

comportamento do país em suas estratégias internacionais. O autor busca contribuir com o debate analisando o Dia da Humilhação Nacional, organizado pelo Partido Comunista Chinês, vendo nessa celebração um exemplo de como o sentido de nação chinesa é coordenado através de uma noção de como o tempo e os fatos passados implicam em consequências ao presente e no dever de superação no futuro.

Se no início do século XX, ainda com a dinastia Qing, tínhamos nas celebrações nacionais o objetivo de mostrar uma “China digna de ser salva”, as celebrações organizadas pelo PCC no século XXI objetivam rememorar um sofrimento coletivo infringido sobretudo pelas mãos do Ocidente e que seu nacionalismo deve ser direcionado em prol da superação de quaisquer limitações impostas pelo outro (o estrangeiro): a China de hoje não precisa ser salva pelo Ocidente, mas sim ser fortalecida internamente em sua dignidade por meio dos esforços de seu próprio povo.

Callahan afirma que sua compreensão sobre o evento parte da ideia de que uma nação não surge meramente da ideologia de suas lideranças, mas sim de como a população se envolve emocionalmente com narrativas históricas trazidas em eventos como o Dia Nacional da Humilhação, alimentando suas noções de pertencimento e identidade. As consequências dessa dinâmica nas relações internacionais são tensas sobretudo com países que são vistos pela China como algozes - sobretudo com o Japão, a Coreia do Sul e os Estados Unidos - e com aqueles que são vistos tradicionalmente como parte de seu território, como é o caso de Taiwan.

Callahan percebe que as animosidades nas relações que a China mantém com esses países só poderia ser aliviada em um contexto onde datas como o Dia Nacional da Humilhação não provocassem tanto no comportamento coletivo uma atitude reativa tal como hoje se vê, porém essa mudança de cenário não parece ser possível no presente: o vocabulário belicoso para com os seus “algozes” do passado, o reavivamento das dores e a demanda por superação das ofensas através da educação patriótica gerenciada pelo PCC fazem, assim, parte das motivações do comportamento Chinês na sua política externa e nas relações com outros Estados.

Diferente de Callahan e Gries, Hall (2011) foca em outro sentimento presente nas relações internacionais e que a China também possui: o autor questiona o que, afinal, significa dizer que um Estado está com raiva e o que seria uma diplomacia da raiva. Segundo o autor, essa diplomacia envolve uma exibição explícita do sentimento em relação a uma violação ou ataque percebido como vindo de outro Estado, sendo a raiva invocada como um sentimento legítimo.

Essa emoção negativa pode ser sanada através de ações como pedidos de perdão formais e acordos diplomáticos pacifistas, mas também pode ser inflamada com o surgimento de novas provocações. Os desdobramentos da raiva expressa por meio diplomático podem atingir campos diversos, mas se torna especialmente preocupante para a área de segurança, já que as chances de uma retaliação por parte do Estado ofendido insurgem. Desse modo, o autor realiza um estudo de caso sobre as relações entre China e Taiwan entre 1995 e 1996, período onde as relações entre os dois Estados viveram uma de suas maiores tensões.

O envolvimento do governo dos Estados Unidos na disputa foi visto pela China como uma afronta e uma intervenção incabível, já que para o país tratava-se de um assunto interestatal visto o não reconhecimento de Taiwan como um Estado soberano, e sim como parte da “uma só China”. Interpretado como desrespeito, a China promoveu, segundo Hall, uma diplomacia da raiva ao, por exemplo, restringirem vistos de líderes taiwaneses para realizarem visitas pessoais aos Estados Unidos e uma forte cobrança ao país ocidental de que não só reconhecesse mas afirmasse continuamente sua concordância com a visão de “uma só China”. Foi também nesse momento que as forças de segurança norte-americanas intensificaram sua atenção para com as ações chinesas e a possibilidade de um futuro ataque massivo à Taiwan, enquanto os membros do governo relacionados às questões diplomáticas se mostraram mais preocupados com o poder de influência que o país conseguira obter durante o Governo Clinton.

Hall (2017) também dá atenção a atritos culturais entre China e Japão ao analisar a reação a um evento específico: em 2004, japoneses teriam viajado à China e contratado prostitutas do país para uma festa que teria durado vários dias. O fato se tornou um escândalo e lembrou um trauma sensível aos chineses: o comportamento do Exército Imperial Japonês durante a ocupação que o país fez ao território da Manchúria entre 1931 e 1932.

O comportamento dos turistas japoneses ficou conhecido como o “incidente da prostituição em Zhuhai” e gerou um inflamado atrito diplomático. A indignação chinesa é observada pelo autor através das fontes oficiais e jornalísticas ocorridas no período e aponta que tal acontecimento afetou a já delicada relação entre os dois países devido sobretudo à lembrança do evento traumático nacional fortalecido pela imprensa e pelas ações do Partido Comunista Chinês sobre o caso.

Liao (2013) percebe ao traçar a história do nacionalismo chinês uma forte presença de uma dialética eu-outro que é parte importante da dinâmica presente no contexto cultural-institucional de suas relações globais. A mudança na ordem mundial ocorrida nos últimos cem anos se tornou palco onde a busca por superação da humilhação sofrida se

desenvolve e tem seus aspectos emocionais na memória coletiva chinesa manifestados. O autor usa principalmente da sociologia e da política de identidade para interpretar os esforços da China em produzir uma prática social global diretamente relacionada às agendas internas e alimentada pelas memórias da humilhação sofridas pelas ações do outro ocidental.

Por esse contexto, Liao percebe uma forte dependência do sucesso da ascensão global do país com a confiança que sua população deposita no sucesso de seus líderes no renascimento da reputação nacional no mundo; ciente disso, essa elite elabora um conjunto de ações estatais direcionadas a gatilhos emocionais ligados à memória coletiva traumática e expondo nas ações relacionadas à diplomacia e à política externa chinesa através de roteiros permeados por códigos que buscam comunicar tanto ao outro (Ocidente) quanto ao eu (povo chinês) a legitimidade das ações estatais.

Lee (2013), por sua vez, percebe que desde 2010 houve um aumento drástico de publicações acadêmicas em inglês com termos como “assertive China” e “Chinese assertiveness”, o que sinaliza uma preocupação ocidental com as estratégias do país nas suas relações internacionais. Vendo a China como ameaça à estabilidade e hegemonia das potências vigentes, vários atores se movimentam hoje buscando barrar avanços estratégicos que possam sofrer interferências negativas por parte da ambiciosa política externa chinesa e reconhecem os novos desenhos das relações políticas e econômicas globais traçados pelas mãos da grande potência asiática. Porém, o autor observa no uso do termo assertividade para descrever o comportamento chinês certo equívoco em vários casos: para debater sobre, tem como base o conceito de assertividade desenvolvido pela ciência comportamental e a análise psicocultural sobre a China de Lucian W. Pye.

Lee percebe que certos autores utilizam o termo assertividade como relacionado a termos como antiamericanismo e agressividade militar e arrogância diplomática, enquanto o conceito psicológico remete a teorias behavioristas que tratam da capacidade de conduzir o comportamento do outro conforme suas intenções e que se encontra entre o comportamento passivo e agressivo. O autor conclui que o país pratica, de fato, uma assertividade, porém que ela não se encontra madura: esse comportamento só pode se desenvolver caso ela reconheça sua existência em relação com o Ocidente, e não se vendo em uma disputa eu *versus* outro (China *versus* Ocidente); para tanto, o país precisa flexibilizar suas narrativas e reconhecer valores e características de outros locais do mundo de forma mais aberta e menos reativa onde poderá usufruir do melhor das relações com outros Estados. Portanto, o que certos autores chamam por assertividade na política externa chinesa pode ser entendida como, de fato, agressividade.

Choi (2015) examina em seu artigo os principais debates nas Relações Internacionais entre teorias racionalistas e construtivistas e como aspectos relacionados a normas, identidades e ações sociais acabam sendo desconsiderados em prol da defesa de um argumento de racionalidade instrumental - algo que não corresponde ao comportamento humano; os modelos ideacionais gerados por essas teorias acabam por excluir aspectos importantes que motivam os atores em suas tomadas de decisão. A busca do autor, portanto, é por trazer nas teorias mais correntes formas de tratar aspectos relacionados ao comportamento humano tais como às políticas de raiva, de lealdade e senso de justiça e vê nos argumentos construtivistas premissas mais próximas de tais considerações.

Choi compreende que os princípios racionalistas e construtivistas sobre as ações dos atores nas relações internacionais podem se complementar na compreensão de eventos relacionados à China: sua ascensão na política mundial e as mudanças que o país gera nas relações deve ser compreendida mediante a condução de sua identidade nacional em torno do “Século da Humilhação” - essa identidade que se motiva pela superação de constrangimentos severos é alimentada por narrativas sobre o passado e as interações que o povo estabeleceu com os demais - algo de extrema relevância naquilo que o país entende como sua posição e imagem no sistema internacional.

Ho (2016), dedicando-se a observar os aspectos relacionais expressos através dos discursos proferidos pelo governo da China, nota que o conceito cultural sobre a face é algo relevante não apenas nos padrões comportamentais entre os chineses, mas também na expressão do governo em suas relações com outros Estados. A face enquanto símbolo da moral e do respeito, deste modo, são de suma relevância para sua narrativa internacional e se desdobra em uma forte preocupação sobre como os demais vêem o país.

Tal atenção especial à reputação torna os chineses especialmente sensíveis à ofensas e desrespeito, o que torna a narrativa de humilhação estatal sofrida no século passado e a desconfiança que deposita principalmente sobre o Ocidente elementos-chave do seu comportamento nas suas relações internacionais. O esforço para manter a dignidade de poder mostrar sua face ao mundo segue em constante conflito com o sentimento de humilhação sofrida nas mãos dos estrangeiros e a grande importância que a China deposita em estratégias que evitem que tal injustiça ocorra novamente buscando, de um lado, formas de tornar o país menos sensível à ataques morais externos e, do outro, desenvolver uma reputação tal como Confúcio inspira aos seus líderes: digno, nobre, magnânimo e humilde.

Koschut et al (2017) abordam que o campo das Relações Internacionais tem se dedicado a desenvolver estudos sobre emoções em prol de lançar luz sobre vários fenômenos

pouco compreendidos nas dinâmicas observadas pela área. Os autores se voltam no texto para como as emoções são estudadas através dos discursos e qual a relevância dessa abordagem, defendendo que os argumentos e enunciados textuais e verbais fornecem fontes singulares para as pesquisas, defendendo o uso de três critérios para as investigações e o desenvolvimento de uma teoria das emoções nas Relações Internacionais: uma definição firme sobre o que é uma emoção, um mapeamento conciso sobre as expressões e comunicações das mesmas e quais os seus efeitos nas sociedades. Indo além das premissas construtivistas, os autores afirmam que compreender as emoções presentes nos discursos proferidos nas relações globais revelam como as ações vistas se relacionam as ações dos Estados: há uma forte relação entre discurso, emoção e poder que precisa ser considerada nas dinâmicas políticas.

Priamo (2018) busca avaliar como os Estados acabam usando emoções como recursos de grande relevância para obterem os resultados desejados em disputas no cenário político internacional. Partindo do entendimento de que as emoções fazem parte das dinâmicas das relações internacionais de forma consciente por parte dos atores e observa, o autor observa como estudo de caso a reação da China a interrupções ocorridas no revezamento da tocha olímpica nas Olimpíadas de Beijing em 2008. Durante o trajeto, manifestantes a favor da independência do Tibete interromperam a cerimônia como forma de protesto ao governo chinês, o que gerou forte condenação da China aos manifestantes e aos governos do Reino Unido e França, onde ocorreram tais acontecimentos.

O estudo do autor buscou demonstrar como o Partido Comunista Chinês articulou suas respostas tanto ao acontecimento de 2008 quanto às lembranças dos protestos na Praça Celestial e outros fatos violentos que permeiam a história recente chinesa: em uma combinação de retórica, ameaças de sanções e narrativa de união e harmonia do povo chinês coordenados harmonicamente pelas lideranças do Partido, a China trouxe as emoções como instrumento de manipulação das opiniões dentro e fora de seu território. Raiva, humilhação e nacionalismo surgem nas reações chinesas de forma estratégica.

Wirth (2020) busca em seu estudo trazer uma explicação sobre o comportamento aparentemente autodestrutivo chinês no Mar Meridional, já que suas características fazem o país se distanciar dos demais na região apesar de seus movimentos em outros campos em prol de uma aproximação e liderança. Essa agressividade na questão marítima pode ser melhor compreendido ao considerarmos de que forma a questão mobiliza as emoções chinesas e percebermos que tanto sua experiência de humilhação quanto sua busca por rejuvenescimento e retorno à liderança da região fazem o país se comportar de tal forma principalmente ao

receber acusações dos Estados Unidos e outros países do Ocidente. O autor conclui que o comportamento da China no Mar Meridional está fortemente relacionado às suas emoções declaradas através de suas forças políticas e com sua narrativa de retomada aos espaços globais anteriormente retirados. As dinâmicas norte-americanas na área provocaram na China uma forte sensação de ameaça e de ultraje que são tão relevantes quanto às preocupações do país com segurança.

Se no início do século XXI tínhamos a reclamação sobre uma escassez de estudos sobre a questão das emoções nas Relações Internacionais, esse cenário parece ter mudado na década de 2020. Gustafsson e Hall (2021) apontam que podemos encontrar uma vasta literatura na área, onde é possível observar pesquisas sobre como as emoções podem moldar interpretações e comportamentos políticos e como os atores envolvidos podem se utilizar de mecanismos diversos para manipular os resultados que desejam obter.

Porém, alguns outros casos ainda precisam de maior atenção: um exemplo disso, segundo os autores, se encontra nas relações entre China e Japão, onde ocorre uma rivalidade histórica que culmina hoje em um relacionamento delicado e nas memórias traumáticas de guerra tratadas no campo da diplomacia. Pensando nessa ausência, Gustafsson e Hall propõem o desenvolvimento de uma teoria política distributiva da emoção que envolve as obrigações emocionais (os deveres de um ator sobre como se expressar em situações específicas), aos direitos emocionais (o que esse ator tem direito de sentir ou não) e às hierarquias de deferência emocional (os graus de prioridade atribuídos aos sentimentos de diferentes atores). A humilhação seria uma dessas emoções desenvolvidas de forma coletiva e cujas consequências devem ser vividas de forma conjunta.

Benabdallah (2021) observa que o estudo das Relações Internacionais tem dedicado maior atenção na última década à como políticas de memória, trauma e vergonha se entrelaçam às dinâmicas políticas tradicionais. Tal desenvolvimento é de grande relevância na compreensão de motivações, atos e consequências e se situa em um campo disciplinar que lida com percepções sobre tempo, espaço e identidade, onde vários Estados apresentam forte nostalgia de um tempo de glória idealizado por sua população. Desse modo, chefes de Estado como Xi Jinping defendem em seus discursos políticos como The Belt and Road Initiative através de uma dinâmica de restauração de um passado idealizado que se comunica com as memórias e desejos da nação chinesa em um estado de nostalgia política

A nostalgia como lente analítica serve nesse estudo de caso para explicar o momento vivido pela política externa chinesa em suas propagandas e declarações oficiais; seu poder é visto pelo autor como tendo a capacidade de reviver experiências positivas ou negativas do

passado e pode ser alimentado por diversos objetivos: a ação do Partido Comunista Chinês de evocar elementos nostálgicos na sua política externa comunica à população o retorno a um período glorioso e de liderança regional no Hemisfério Sul.

Masterson (2022) argumenta que observamos com frequência acontecimentos relacionados à humilhação interestatal, porém poucas vezes notamos os microfundamentos que se relacionam às suas manifestações. Sendo fruto das emoções humanas, como a humilhação poderia afetar as negociações internacionais? A partir de uma série de testes de hipóteses a partir de vários acontecimentos históricos, *surveys* e outras fontes, o autor percebe que potências como China têm suas tomadas de decisão fortemente influenciadas pelos processos de vergonha e humilhação sofridos anteriormente, porém de formas diferentes: enquanto a vergonha/constrangimento não influencia no suporte do Estado em análise por uma intervenção posterior, a humilhação a faz.

Um dos motivos apontados pelo autor é de que em ambos ocorre a presença de hostilidade e raiva, mas por na humilhação o ataque moral ser mais forte, despertando emoções ainda mais intensas, a busca do Estado atacado por estratégias de retaliação é maior. As evidências experimentais realizadas com indivíduos somadas às análises históricas dos conflitos apontam que países como a China possuem no sentimento de humilhação um impulso a preferir conflitos contra atores específicos ainda que os custos estratégicos de suas investidas sejam maiores do que o que se considera viável.

Quadro 5 - Autores e conceitos principais abordados sobre a China

Autor	Conceito principal abordado
Gries (2001)	Raiva
Callahan (2004)	Humilhação
Gries (2005)	Identidade
Callahan (2006)	Humilhação
Hall (2011)	Raiva
Liao (2013)	Humilhação
Lee (2013)	Identidade

Autor	Conceito principal abordado
Choi (2015)	Identidade
Ho (2016)	Humilhação
Koschut et al. (2017)	Humilhação
Hall (2017)	Emoções
Primiano (2018)	Humilhação
Wirth (2020)	Humilhação
Gustafsson; Hall (2021)	Humilhação
Benabdallah (2021)	Nostalgia
Masterson (2022)	Humilhação

Nota: o uso de um conceito principal não exclui o de outros conceitos ao longo da argumentação.

Fonte: banco de dados produzido pela autora.

6 CONCLUSÕES

Esse trabalho se propôs a fazer uma revisão sistemática da literatura e teve como destaque em seus resultados a ênfase dos artigos presentes na amostra em abordar o Oriente Médio e a China. Ambos possuem manifestações quanto ao sentimento de humilhação infligido pelo outro - Ocidental, principalmente - de forma autodeclarada; porém, seus emissários são distintos: se no Oriente Médio temos essas expressões anunciadas majoritariamente por grupos terroristas que alegam lutar pela honra do “povo árabe”, na China a humilhação é contra a nação e tem sua narrativa centralizada nas ações do Partido Comunista Chinês.

Além disso, se nos estudos sobre Oriente Médio temos a evidência da complexa relação sociocultural entre religião, etnia e política, nos sobre a China esses e outros elementos são aplainados não pelos autores, mas pela própria narrativa produzida pelo governo: declarando-se “uma só China”, a humilhação ocorre contra um território em específico e uma população que, ainda em realidade seja diversa, tem suas manifestações centralizadas pelas forças do Estado.

Autores como Callahan e Masterson usaram, ao tratarem da China, o conceito de humilhação nacional, aplicando assim o conceito de humilhação como algo sofrido e reclamado por um Estado, enquanto os autores que tratam do Oriente Médio não trouxeram alguma forma de sinônimo possível como humilhação regional: eles preferiram, principalmente ao tratarem das relações que o Ocidente - representados pelos Estados Unidos e OTAN - evidenciar que a queixa surge de grupos que reclamam por autonomia, honra e reconhecimento de seus valores, acabando alguns desses por recorrer a manifestações políticas organizadas, a manifestações individuais e pontuais de protesto contra os representantes dessa humilhação e outros, mais perigosos para a segurança global, utilizando-se de armas e atentados terroristas. As principais diferenças e semelhanças no tratamento do tema da humilhação no Oriente Médio e na China podem ser resumidas como exposto no Quadro 6 abaixo.

Quadro 6 - resultados gerais: classificações e análises dos autores sobre a região e o Estado

	ORIENTE MÉDIO	CHINA
Como é chamado	<ul style="list-style-type: none"> ● Humilhação ao povo árabe ● Humilhação ao povo 	<ul style="list-style-type: none"> ● Humilhação estatal ● Século da Humilhação

	<p>muçulmano</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Humilhação regional 	
Produtor da narrativa	<ul style="list-style-type: none"> ● Organizações terroristas ● Estado 	<ul style="list-style-type: none"> ● Estado
Humilhação afeta	<ul style="list-style-type: none"> ● Religioso ● Regional 	<ul style="list-style-type: none"> ● Nacional
Produção sobre humilhação nesses locais é motivada	<ul style="list-style-type: none"> ● 11/09 ● Narrativas das org. terroristas em geral ● Narrativas dos Estados e organizações terroristas sobre Ocidente 	<ul style="list-style-type: none"> ● Ameaça à ordem mundial ● Relação com o Ocidente, sobretudo com os EUA ● Narrativa do Estado sobre o Ocidente ● Narrativa estatal - século da humilhação
Reação do humilhado	<ul style="list-style-type: none"> ● Fortalecimento militar ● Armas nucleares (Irã) ● Terrorismo 	<ul style="list-style-type: none"> ● Fortalecimento em diversas áreas (não só militar) ● Política externa voltada a superar a humilhação ● Busca por liderança regional
<p>Agressividade/ reatividade</p> <ul style="list-style-type: none"> ● agressividade - responde através de ações militares ● reatividade - responde através de discursos, embargos, acordos (diplomacia) 	<ul style="list-style-type: none"> ● Org. terroristas - alto ● Estados - médio a alto ● Mais agressivo que reativo 	<ul style="list-style-type: none"> ● Internamente (naquilo que considera território seu) - médio ● Externamente (pol. externa) - médio ● Mais reativo que agressivo
Origem do sentimento de humilhação	<ul style="list-style-type: none"> ● Ataques do Ocidente, sobretudo militares (OTAN e EUA) ● Ataques aos valores islâmicos <ul style="list-style-type: none"> ○ forte relação com o que a religião diz sobre humilhação e 	<ul style="list-style-type: none"> ● Corrupção interna (período imperial) ● Ataques do Ocidente ● Reação externa negativa ao país (desdém, desvalorização)

	como sanar (interpretação dos g. terroristas)	
Relação com os EUA	<ul style="list-style-type: none"> • Crítica às intervenções militares, ao tratamento aos capturados e à região em geral 	<ul style="list-style-type: none"> • Crítica às intervenções em assuntos considerados internos ao país, ao comportamento “imperialista” e às acusações diversas à sua política

Tanto os autores sobre Oriente Médio quanto os sobre China circularam suas observações entre as áreas da Psicologia Social e da Segurança Internacional, sendo uma possibilidade de trabalho futuro um mapeamento detalhado de tal movimentação epistêmica. Por hora, é possível compreender que elas dão como o previsto, mas até certo ponto. A combinação de observações acerca do comportamento e das emoções com as de status e segurança era algo esperado mediante a bibliografia consultada e abordada na Introdução e no Capítulo 1; mas, analisando-se a amostra, viu-se que os estudos sobre humilhação caminharam mais proximamente ao desenvolvimento de uma teoria das emoções nas Relações Internacionais do que para a continuidade dos estudos sobre status, tal como autores como Joslyn Barnhart operam.

Outros resultados encontrados apontam que os artigos desenvolveram-se para temáticas relacionadas à segurança e emoções, mas não tanto para a área da diplomacia e apenas um se volta aos Direitos Humanos. Uma hipótese que pode ser testada futuramente é que tal fato ocorre devido a prevalência de estudos sobre humilhação na área se dá sob o escopo da Psicologia e do Direito, por exemplo, observando questões de dignidade humana e traumas ocorridos devido às humilhações impostas em situações críticas. Outra hipótese é de que, nas Relações Internacionais em sentido amplo, os estudos sobre humilhação tem caminhado, de fato, para a temática da Segurança Internacional mas que se desenvolve também em áreas de análise que se voltam ao comportamento e expressão das emoções através de narrativas tanto sobre amizade quanto sobre rivalidades sistêmicas.

A ênfase na humilhação como emoção perigosa ao sistema internacional é trazido, portanto, a partir de dois propósitos: para alertar sobre como ela é um ingrediente explosivo e

com consequências a longo prazo, precisando ter suas causas evitadas pelos atores internacionais - principalmente pelos Estados - e ser observada como elemento parte das pesquisas sobre Segurança Internacional e para demonstrar como, quando utilizada por narrativas nacionalistas e populistas, ela pode instigar reações violentas não só contra aquele considerado inimigo mas contra outros atores, podendo se tornar uma ameaça regional ou mesmo global. No quadro 7 podemos ver uma sinopse de como os artigos analisados relacionam ações causadoras de humilhação e suas possíveis consequências aos atingidos.

Quadro 7 - ações e consequências da humilhação segundo análise da amostra

<ul style="list-style-type: none"> ● Desonra ● Constrangimento ● Desprezo ● Injustiça ● Vergonha 	<p>Geram humilhação</p>	<p>Consequências</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Raiva: Sentimento negativo que serve como impulso para a ação ou resposta. Aqui sinônimo de ira e ódio, ● Revanche: Ato em resposta à humilhação. Busca provocar dano em menor escala. ● Vingança: Ato sistemático e complexo de resposta à humilhação. Busca provocar dano em maior escala 	<p>Objetivos</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Recuperação da honra ● Mudança no status
---	-------------------------	--	--

Fonte: banco de dados produzido pela autora.

Humilhação é um conceito que dialoga sobretudo com estudos sobre status que considerem os danos sofridos ao mesmo como algo também emocional a um povo que, quanto mais forte sua identificação com o aquilo do qual julgam pertencer for. Há na autodeclaração do grupo ou do Estado um apelo de união aos seus membros, principalmente de seus líderes, e de resposta para que sua honra seja recuperada. Ao percebermos isso, cabe-nos reconhecer a complexidade existente nos processos de humilhação e a importância que o desenvolvimento dessa agenda de pesquisa possui nas Relações Internacionais. Esse trabalho, com todas as suas limitações, é uma busca por trazer à área uma produção que demonstre alguns dos fios que tecem essa densa cadeia relacional a partir daquilo que a amostra observada apresenta.

REFERÊNCIAS

- BADIE, Bertrand. Humiliation in international relations: a pathology of contemporary international systems. Bloomsbury Publishing, 2017.
- BARNHART, Joslyn. The consequences of humiliation: Anger and status in world politics. Cornell University Press, 2020.
- D'HOOGHE, Ingrid. China's Public Diplomacy Goes Political. In: The Hague Journal of Diplomacy. Volume 16: Issue 2-3 (Mar 2021): Special Issue: China's Global Diplomacy, edited by Qingmin Zhang, Paul Sharp and Jan Melissen, 2021.
- HARTLING, Linda M.; LUCHETTA, Tracy. Humiliation: Assessing the impact of derision, degradation, and debasement. Journal of Primary Prevention, v. 19, n. 4, 1999, p. 259-278.
- HARTLING, Linda M., et al. Humiliation: A nuclear bomb of emotions?. Psicologia Política, 2013.
- KLEIN, D.C. The humiliation dynamic: An overview. J Primary Prevent, 1991, 12, 93–121.
- LINDNER, Evelin. Making enemies: Humiliation and international conflict. Praeger Security International, 2006.
- MCCAULEY, Clark. Toward a psychology of humiliation in asymmetric conflict. American Psychologist, 2017, 72.3: 255.
- PAUL, T. V.; LARSON, D. W; WOHLFORTH, W. C. Status in World Politics. New York: Cambridge University Press, 2014.
- SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. Brazilian Journal of Physical Therapy, 2007, 11: 83-89.
- WANG, Zheng. Never forget national humiliation : historical memory in Chinese politics and foreign relations. New York: Columbia University Press, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A - LISTA COM OS ARTIGOS ANALISADOS

BARNHART, J. Humiliation and third-party aggression. *World Politics*. cambridge.org; 2017.

BENEBDALLAH, L. Spanning thousands of miles and years: political nostalgia and China's revival of the Silk Road. *International Studies Quarterly*. academic.oup.com; 2021.

CALLAHAN, W. A. History, identity, and security: Producing and consuming nationalism in China. *Critical Asian Studies*. Taylor & Francis; 2006.

CALLAHAN, W. A. National insecurities: Humiliation, salvation, and Chinese nationalism. *Alternatives*. journals.sagepub.com; 2004

ÇEVİK-ERSAYDI, B. S. Restoring Regional Humiliation: Mending the Psychological Wounds of the Middle East. akademikortadogu.com; 2012.

CHOI, J. Y. Rationality, norms and identity in international relations. *International Politics*. Springer; 2015.

COICAUD, J. M. Emotions and passions in the discipline of international relations. *Japanese Journal of Political Science*. cambridge.org; 2014.

DOUAI, A. Media ethics in international conflict: National humiliation and revenge in the 'flying footwear' saga. *Journal of International Communication*. Taylor & Francis; 2009.

DUNCOMBE, C. Representation, recognition and emotion, recognition and respect in world politics. manchesterhive.com; 2019.

GERODIMOS, R. Humiliation, shame, and violence: Honor, trauma, and political extremism before and after the 2009 crisis in Greece. *International forum of psychoanalysis*. Taylor & Francis; 2022.

GOLD, D. The politics of emotion: A case study of the Israeli-Palestinian conflict. *Israel Studies Review*. berghahnjournals.com; 2015.

GRIES, P. H. Social Psychology and the Identity-Conflict Debate: Is a 'China Threat' Inevitable?. *European Journal of International Relations*. journals.sagepub.com; 2005.

GRIES, P. H. Tears of rage: Chinese nationalist reactions to the Belgrade embassy bombing. *The China Journal*. journals.uchicago.edu; 2001.

GUSTAFSSON, K; HALL, T. H. The Politics of Emotions in International Relations: Who Gets to Feel What, Whose Emotions Matter, and the "History Problem" in Sino-Japanese Relations. *International Studies Quarterly*. academic.oup.com; 2021.

HALL, T. H. Three approaches to emotion and affect in the aftermath of the Zhuhai incident. *International Studies Review*. ora.ox.ac.uk; 2017.

HALL, T. H. We will not swallow this bitter fruit: Theorizing a diplomacy of anger. *Security Studies*. Taylor & Francis; 2011.

HARKAVY, R. E. Defeat, national humiliation, and the revenge motif in international politics. *International Politics*. Springer; 2000.

HELLER, R. Russia's quest for respect in the international conflict management in Kosovo. *Communist and Post-Communist Studies*. online.ucpress.edu; 2014.

HO, B. About Face—the relational dimension in Chinese IR discourse. *Journal of Contemporary China*. Taylor & Francis; 2016

HOMOLAR, A.; LOFFMANN, G. Populism and the affective politics of humiliation narratives. *Global Studies Quarterly*. academic.oup.com; 2021.

JAYAWICKREME et al. Triumphalism, fear and humiliation: The psychological legacy of Sri Lanka's civil war. *Dynamics of asymmetric*. Taylor & Francis; 2010.

KAPLOWITZ, N. National self-images, perception of enemies, and conflict strategies: Psychopolitical dimensions of international relations. *Political Psychology*. JSTOR; 1990.

KOSCHUT, S.; HALL, T. H.; WOLF, R.; SOLOMON, T. Discourse and emotions in international relations. *International Studies*; 2017.

KOSCHUT, S. Emotional (security) communities: The significance of emotion norms in inter-allied conflict management. *Review of International Studies*. cambridge.org; 2014.

KOSCHUT, S. Reintegrative shaming in international relations: NATO's military intervention in Libya. *Journal of International Relations and Development*. Springer; 2022

LARSON, D.W.; SHEVCHENKO, A. Russia says no: Power, status, and emotions in foreign policy and post-communist studies. online.ucpress.edu; 2014.

LEE, W. China's unassertive rise: What is assertiveness and how we have misunderstood it?. *International Journal of China Studies*. academia.edu; 2013.

LIAO, N. Dualistic identity, memory-encoded norms, and state emotion: A social constructivist account of Chinese foreign relations. *East Asia*. Springer; 2013.

LINKLATER, A. Anger and world politics: How collective emotions shift over time. *International Theory*. cambridge.org; 2014.

LOWENHEIM, O; HEIMANN, G. Revenge in international politics. Security studies. Taylor & Francis; 2008.

MASTERSON, M. M. Humiliation and International Conflict Preferences. The Journal of Politics. journals.uchicago.edu; 2022.

MENDIBLE, M. Post Vietnam syndrome: national identity, war, and the politics of humiliation. Radical Psychology. libraryofsocialscience.com; 2008.

MENNEL, S. Trump's America: International relations and the construction of they-images. International Relations and Diplomacy. International Relations and Diplomacy, October 2018.

NAUDE, B. Justice and restitution as themes of South African foreign relations: The search for ontological security. South African Journal of International Affairs. Taylor & Francis; 2019.

PRIMIANO, C. B. Let's get emotional: The strategic use of emotions in China's foreign policy. East Asia. Springer; 2018.

SASLEY, B. E. Theorizing states' emotions. International Studies Review. academic.oup.com; 2011.

SAURETTE, P. You dissin me? Humiliation and post 9/11 global politics. Review of international studies. cambridge.org; 2006.

SNYDER, J. Backlash against human rights shaming: emotions in groups. International Theory. cambridge.org; 2020.

STEINBERG, B. S. Shame and Humiliation in the Cuban Missile Crisis: A psychoanalytic perspective. Political Psychology. JSTOR; 1991.

WIRTH, C. Emotions, international hierarchy, and the problem of solipsism in Sino-US South China Sea politics. International Relations. journals.sagepub.com; 2020.

WOLF, R. Debt, dignity, and defiance: why Greece went to the brink. Review of International Political Economy. Taylor & Francis; 2018.

WRIGHT-NEVILLE; SMITH, D. Political rage: terrorism and the politics of emotion. Global Change, Peace & Security. Taylor & Francis; 2009.

APÊNDICE B - OUTROS PAÍSES ENCONTRADOS NA AMOSTRA

Quadro 8 - outros países abordados nos textos analisados

Rússia	<p>As ações da OTAN principalmente após a Guerra Fria são percebidas como agressões à noção de segurança territorial que é bastante cara ao país e que desde o período de Stalin se percebe grande zelo. A Rússia interpreta os EUA como um agressor e que falta a eles e seus aliados respeito por seu status nas relações (LARSON; SHEVCHENKO, 2014). O país vê como intrusões as interferências naquilo que considera como assunto interno, como ocorreu em Kosovo e hoje ocorre na Ucrânia. Heller (2014) afirma que as reações da Rússia buscam não uma restauração do poder tal como foi até o século XX, mas um reconhecimento simbólico de sua identidade pelo Ocidente; o discurso de Putin e da elite russa expressam uma forte carga emocional de ultraje e o desejo pelo reconhecimento de uma identidade política ao seu modo como legítimo nas relações internacionais.</p>
Grécia	<p>Vendo-se como país berço da civilização (sobretudo europeia), a Grécia percebe no século XXI aquém no reconhecimento que recebe dos seus vizinhos devido sobretudo às baixas econômicas que vêm sofrendo e a forte dependência que possui para com as medidas financeiras da União Europeia. Ao não se perceber sendo tratada conforme o status que acredita ter, a Grécia gera preocupações quanto ao futuro que o país terá nas suas relações. Há também em sua cultura interna um forte zelo pela honra para com os demais, sendo o uso da violência por vezes visto como legítimo em momentos anteriores de sua história política (GERODIMOS, 2022). O comportamento da União Europeia e de credores diversos é interpretado como degradante, já que os credores, segundo a interpretação grega, se colocam como em maior poder diante de um Estado “servo” de sua boa vontade (WOLF, 2018). A diminuição do status da Grécia na Europa é sentida principalmente por essa relação vista como desonrosa pelos gregos nas relações com seus credores, o que tem afetado as emoções coletivas.</p>
Estados Unidos	<p>A crise dos mísseis de Cuba em 1962 é vista como um exemplo de situação crítica aos EUA durante a Guerra Fria e como um acontecimento marcante ao seu status. Buscando por mudanças estratégicas, os tomadores de decisão foram levados a uma situação limite que fez o país experimentar pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial uma tensão crítica em sua capacidade diplomática. Os sentimentos de vergonha e humilhação experimentados nas negociações com a União Soviética indicam que expor líderes da política externa em posições de barganha consideradas humilhantes pode ocasionar o desejo por vingança e uma agressividade elevada, principalmente quando o país em</p>

	<p>questão se trata de uma grande potência e com alta relevância na distribuição de poder (STEINBERG, 1991). Outro exemplo de humilhação se deu com a participação dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã (1955 - 1975), onde a derrota das forças americanas ainda hoje é duramente reconhecida e à qual sua sociedade remete como uma humilhação nacional (MENDIBLE, 2008). O mais recente e traumático se deu com os ataques do grupo terrorista Al-Qaeda contra os Estados Unidos em 2001: o fato de ter ocorrido em solo nacional, a quantidade de vítimas civis e o medo generalizado provocado pelos ataques impactaram profundamente os sentimentos coletivos da população e a política interna e externa praticadas desde então. Nesse sentido, políticos como Donald Trump mobilizam essas memórias de medo e humilhação em torno de dinâmicas populistas e saudosistas, tal como é anunciado no lema de seu governo - “make America great again” (MENNEL, 2018).</p>
África	<p>Um exemplo apontado de dinâmicas de humilhação ocorridas no continente foi encontrado no que é chamado por “reintegrative shaming” (constrangimento reintegrativo) ocorrido na Líbia mediante ações da OTAN, onde foi percebido um conjunto de estratégias de constrangimento para prevenir a ocorrência de novos conflitos violentos (KOSCHUT, 2022); esses constrangimentos, apesar das vantagens imediatas, podem ocasionar em tensões futuras ao ser evocado por grupos contrários ao status quo como eventos humilhantes para comunidades unidas não necessariamente por elementos nacionais, mas por compartilharem de valores e desejos que as ligam de forma emocional (KOSCHUT, 2014). A África do Sul se destaca quanto à temática por ao longo do século XXI ser notório desenvolvimento das suas relações internacionais como um meio para um fim: restituir resistência contra ações abusivas de forças ocidentais que possam ser ameaça e fortalecer o Estado como uma liderança no Hemisfério Sul, mostrando sua indignação quando destrutado pelo restante do mundo (NAUDE, 2019).</p>
Ásia (exceto China)	<p>No Sri Lanka, as consequências dos conflitos do governo contra os Tigres de Liberação do Tamil Eelam e todos os crimes internacionais praticados ao longo dessa disputa ainda geram memórias dolorosas que, ao serem invocadas por grupos específicos e se transformarem em narrativas, se tornam um desafio para o desenvolvimento da paz duradoura. O sentimento de humilhação durante e após a guerra é instigado sobretudo nas disputas étnicas e religiosas, marcando um claro lugar entre “o eu e o outro” que inflamam atos de violência e de segregação (JAYAWICKREME et al, 2010).</p>
Outros	<p>Foram encontrados artigos que trabalham os seguintes elementos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Populismo: como elites estatais e organizações que buscam por reparação no seu status e superação da humilhação

	<p>acabam por trazer elementos populistas associados em suas narrativas (SAURETTE, 2006. HOMOLAR; LOFFMANN, 2021).</p> <ul style="list-style-type: none">● Direitos humanos: Snyder (2020) observa o uso de práticas de constrangimento (<i>shaming</i>) como ferramenta central entre os defensores desses direitos, mas cujas consequências podem ser negativas à médio e longo prazos. Nas relações globais, práticas de constrangimento podem também ser lidas como humilhantes pelos seus alvos, especialmente se operam a partir de contextos culturais distintos.● Comportamento: as expressões de autoimagens, emoções e outros termos relacionados à Psicologia podem trazer no cenário internacional tanto resultados construtivos quanto destrutivos, sendo isso algo dependente do contexto e do grau de proximidade ou distanciamento cultural que possuem. Defende-se abordagem psicossocial e psicopolítica nas Relações Internacionais, onde a análise do comportamento dos atores em suas amizades e rivalidades devem ser também pelas interpretações que esses têm de si e dos demais e reconhecendo nelas uma grande força motivadora para elaboração de suas políticas externas (KAPLOWITZ, 1990. LINKLATER, 2014. COICAUD, 2014)● Segurança: abordando vários casos e Estados, Barnhart (2017) se distancia de outros autores tratados devido a sua base de análise (status ao invés de emoções e afins) mas também se aproxima em preocupação (causas e consequências das dinâmicas de humilhação nas relações internacionais). Alguns dos demais autores se posicionam vendo a humilhação em relação ao status e outros em relação às emoções e Psicologia nas Relações Internacionais.
--	---